



ENSINO DE DANÇAS DE SALÃO: TRANSGREDINDO OS BINARISMOS DE GÊNERO

BAILE DE SALÓN DE ENSEÑANZA: TRANSGRESANDO LOS BINARISMOS DE GÉNERO

TEACHING BALLROOM DANCE: TRANSGRESSING THE BINARISMS OF GENDER

Robson Teixeira PORTO¹

RESUMO

A pesquisa se insere no campo do ensino de danças de salão e tem como objetivo discutir proposições didático-pedagógicas que não estejam centradas em binarismo de gênero, sob uma perspectiva de uma pedagogia queer. As concepções tradicionais de dança de salão, muitas vezes objetificam o corpo feminino e ditam padrões de movimentos com base em papéis de gênero, assim como determinam que a condução deve ser monopólio dos homens, cabendo às mulheres apenas o papel passivo de seguir o condutor. Entretanto, a problematização destas questões sob uma perspectiva contemporânea, corrobora para uma educação inclusiva de pessoas não heterossexuais e com identidades de gênero não binárias, que geralmente são excluídas da comunidade das danças de salão. Esta investigação tem uma abordagem qualitativa e se configura

¹ Doutorando em Artes Cênicas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS/Brasil; prof.rob.porto@gmail.com

como uma pesquisa-ação². O trabalho consiste em um recorte da pesquisa que desenvolvo no doutorado, com base na minha práxis, enquanto professor de dança em diferentes contextos educacionais. Este artigo possibilitou perceber os limites e as potencialidades das estratégias de ensino que desenvolvo nas aulas. Além disso, o diálogo com as teorias queer possibilitou questionar padrões heteronormativos da dança de salão tradicional, principalmente quanto aos estereótipos de gênero. Além de denunciar propostas heteronormativas e patriarcais de dança de salão, buscou-se com este trabalho compartilhar possíveis estratégias de ensino inclusivas quanto às questões de gênero e diversidade.

Palavras-chave: Dança de salão; Ensino não binário; Gênero

RESUMEN

La investigación se inserta en el campo de la enseñanza del baile de salón y tiene como objetivo discutir propuestas didáctico-pedagógicas que no se centren en binario de género, desde la perspectiva de una pedagogía queer. Las concepciones tradicionales de los bailes de salón a menudo objetivan el cuerpo femenino y dictan patrones de movimiento basados en roles de género, además de determinar que conducir debe ser el monopolio de los hombres, y que las mujeres solo tengan el rol pasivo de responder a la conducción. Sin embargo, la problematización de estos temas bajo una perspectiva contemporánea, corrobora a favor de una educación inclusiva de personas no heterosexuales y con identidades de género no binarias, generalmente excluidas de la comunidad de bailes de salón. Esta investigación tiene un enfoque cualitativo y se

² TRIP, David. *Pesquisa-ação: uma introdução metodológica*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

configura como una pesquisa-ação³. Aún así, es un extracto del estudio que desarrollo en mi doctorado, basado en mi práctica como profesor de danza en diferentes contextos educativos. Esta experiencia fue un poderoso ejercicio de autorreflexión sobre mi práctica pedagógica, ya que me permitió comprender los límites y potencialidades de las estrategias de enseñanza que adopto en clase. Además, el diálogo con las teorías queer permitió cuestionar los patrones heteronormativos de los bailes de salón tradicionales, especialmente en lo que respecta a los estereotipos de género y el monopolio del acto de conducir por parte de los hombres. Además de denunciar las propuestas heteronormativas y patriarcales de bailes de salón, buscamos con este trabajo compartir posibles estrategias de enseñanza inclusiva en temas de género y diversidad.

Palabras clave: baile de salón; enseñanza no binaria; género

ABSTRACT

The research is inserted in the field of ballroom dance teaching and aims to discuss didactic-pedagogical propositions that are not centered on gender binarism, from the perspective of a queer pedagogy. Traditional conceptions of ballroom dancing often objectify the female body and dictate movement patterns based on gender roles, as well as determining that driving should be the monopoly of men, with women only having the passive role of responding to driving. However, the problematization of these issues under a contemporary perspective, corroborates for an inclusive education of non-heterosexual people and with non-binary gender identities, who are generally excluded from the ballroom dancing community. This investigation has a qualitative approach and is configured as an pesquisa-ação⁴. Still, it is an

³ TRIP, David. *Pesquisa-ação: uma introdução metodológica*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

⁴ *Ibidem*.

excerpt from the study that I develop in my doctorate, based on my practice as a dance teacher in different educational contexts. This experience was a powerful exercise in self-reflection about my pedagogical practice, as it allowed me to understand the limits and potential of the teaching strategies I adopt in class. Furthermore, the dialogue with queer theories made it possible to question heteronormative patterns of traditional ballroom dancing, especially regarding gender stereotypes and the monopoly of the act of driving by men. In addition to denouncing heteronormative and patriarchal ballroom dance proposals, we seek with this work to share possible inclusive teaching strategies regarding gender and diversity issues.

Keywords: ballroom dance; non-binary teaching; gender

1. Introdução e Referencial Teórico

A presente produção textual é resultante das primeiras reflexões que estou desenvolvendo no doutorado, as quais são oriundas da minha práxis, enquanto professor e pesquisador de danças de salão. Ainda, parte dessas reflexões advém do estudo que desenvolvi na especialização, cujo enfoque foi a problematização de estratégias de ensino de samba de salão nos espaços não formais de ensino.

Este artigo tem o intuito de discutir algumas proposições didático-pedagógicas de dança de salão que não estejam centradas em binarismo de gênero, o que se opõe às práticas de ensino tradicionais deste estilo de dança. Esta discussão é relevante, pois corrobora para uma educação inclusiva de pessoas não heterossexuais e com identidades de gênero não binárias, que geralmente são excluídas da comunidade das danças de salão.

De acordo com Judith Butler⁵, compreendemos gênero como uma performance culturalmente construída, a partir da repetição de ações estilizadas, e não como uma disposição natural ou uma essência, conforme o discurso hegemônico prega. Nesta perspectiva, os papéis de gênero, reforçados pelas visões conservadoras de dança de salão, não são naturais, mas construções sociais que se mantêm pela repetição

⁵ BUTLER, J. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

de padrões.

A dança de salão é uma manifestação cultural praticada em duplas, as quais são tradicionalmente compostas por um homem e uma mulher cisgêneros, que respectivamente são denominados como cavalheiro e dama. Entretanto, a adoção desta nomenclatura não é arbitrária e pode ser melhor compreendida a partir do Tratado de Amor Cortês, um tipo de manual de etiqueta para homens e mulheres, elaborado na Idade Média, que:

[...] serviu inicialmente nas cortes da França como fonte de controle e pedagogia das normas comportamentais definidas por gênero. Foi elaborado para educar o homem de corte, “o cortês”, distinguindo-o do “plebeu”, o rústico. [...] A ética baseada na cortesia estabelece ao homem uma relação de vassalagem frente a mulher, dando início ao código “cavalheiresco-amoroso”, que coloca figuradamente a dama em uma posição ainda mais alta que a de um suserano, transformando-a em objeto de desejo inatingível⁶.

Segundo as pesquisadoras, o conteúdo desse tratado é essencialmente machista, pois objetifica o corpo feminino, bem como impõe restrições em sua atuação na sociedade, o que, conseqüentemente, reflete nas danças de salão. Logo, são frequentes os discursos que defendem que os homens devem ser os responsáveis por “pensar” a dança, cabendo às mulheres apenas o dever de enfeitá-la.

São José⁷ relata que nas primeiras gafieiras - locais destinados a socialização através da prática de danças de salão - não era permitida a entrada nos bailes de homens sem terno de linho ou casimira e gravata, sapato e chapéu, ou de mulheres que não estivessem com vestidos rodados, com meias de seda e sapatos salto-agulha. Esta exigência denota o senso comum de que a mulher é a responsável por embelezar a dança, com o balanço de saias rodadas, pernas descobertas e com movimentos delicados e sensuais. Apesar do contexto sócio-histórico ter se modificado, pouco se avançou em relação a esses estereótipos de gênero.

As concepções tradicionais de dança de salão não apenas objetificam o corpo feminino, como ditam padrões de movimentos com base em estereótipos de gênero. Ainda, determinam que a condução deve ser monopólio dos homens. De acordo com

⁶ MAJEROWICZ, Ilana; VASCONCELOS, Paola. Cavalheirismo não é Gentileza: elucidações sexistas no pensar contemporâneo da dança de salão. In: *Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 41. 2018, Joinville. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. p.3

⁷ SÃO JOSÉ, Ana Maria. *Samba de Gafieira: corpos em contato na cena social Carioca*. 2005. 183 f.. Dissertação (Mestrado em Artes cênicas) - Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. São José, 2005. P.91

Polezi e Vasconcelos⁸ o ato de conduzir “[...] impõe um padrão de movimento ao mesmo tempo em que insere nos estereótipos de gênero aqueles que dançam e como essa relação de poder deve ser estabelecida”. Nesse sentido, Débora Pazzeto e Samuel Samways⁹ amparados pelas teorias *queer*, refletem:

[...] a dança de salão tradicional pode ser compreendida como um mecanismo do sistema de identificação causal entre sexo, gênero e orientação sexual, sendo uma técnica de regulamentação e programação dos corpos e dos sujeitos. Ou seja, ela não é baseada em supostas diferenças prévias entre homens e mulheres, ela constrói essas diferenças: constrói a mulher como dama – frágil, delicada, submissa, graciosa, sensual, atenta e obediente aos comandos dos homens – e constrói o homem como cavalheiro – forte, soberano, dominador, viril, responsável por cuidar da mulher e determinar seus movimentos, seus rumos, seus ritmos –, em plena concordância com a complementaridade “natural” entre os gêneros que fundamenta a relação heterossexual como norma¹⁰.

Os autores denunciam os discursos hetero-patriarcais e misóginos hegemônicos, que são reforçados pelas concepções de danças de salão tradicionais, assim como em outras manifestações culturais. Ao atribuir à mulher o papel submisso de apenas seguir o homem, assim como definir como devem se comportar e se relacionar afetivamente, está se reforçando os papéis de gênero, que apenas distanciam às pessoas que não se adequam a norma da comunidade das danças de salão e, conseqüentemente, das instituições que as ensinam.

Os diferentes espaços educacionais que ensinam danças de salão, assim como os bailes, são os principais responsáveis pela manutenção e atualização dessa cultura. Apesar da dança de salão estar inserida como conteúdo das disciplinas de Dança e de Educação Física na Educação Básica e como componente curricular nos cursos superiores de Dança, é nos espaços não formais de ensino que essa manifestação cultural é mais frequente. Dentre esses espaços, destaca-se os estúdios, as academias e as escolas de dança.

As aulas de danças de salão nos espaços não formais de ensino são predominantemente práticas, havendo pouco - ou nenhum - espaço para problematizações acerca dos conteúdos. Provavelmente, isso esteja relacionado ao

⁸ POLEZI, A2ina; VASCONCELOS, Paola. “Contracondutas no ensino e prática da Dança de Salão: a dança de salão queer e a condução compartilhada”. *Revista Presencia, Montevideo*, n.2, p. 67-83, 2017.

⁹ PAZETTO, Debora; SAMWAYS, Samuel. “Para além de damas e cavalheiros: Uma abordagem queer das normas de gênero na dança de salão”. *Revista Educação, Artes e Inclusão*, 2018. p.169

¹⁰ *Ibidem*.

perfil discente, que a procura com o objetivo de socialização ou como uma atividade física prazerosa. Há também os que a buscam por recomendação médica, ou para ter uma rotina fora de casa e do trabalho.

Contudo, por se tratar de um conhecimento popular, os alunos trazem consigo ideias pré-concebidas sobre como homens e mulheres devem se comportar durante a dança. Geralmente, reproduzem discursos normativos quanto às questões de gênero e diversidade, cuja desconstrução se torna um objetivo a ser alcançado por docentes que buscam a subversão dos binarismos nas danças de salão.

Desta forma, cabe às/aos professoras/es a criação de proposições didático-pedagógicas que incentivem a desconstrução dos preconceitos trazidos pelas/os alunas/os, ao mesmo tempo que preservam a ludicidade das aulas de dança de salão. Na próxima seção será descrito o método utilizado neste trabalho.

2. Método

Este estudo se configura como uma pesquisa-ação, que segundo David Tripp¹¹ é “uma estratégia para o desenvolvimento de professoras/es e pesquisadoras/es de modo que elas/es possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de suas/seus alunas/os [...]”. Esse tipo de pesquisa pressupõe, em todas suas etapas, o processo reflexivo das/os participantes, o que contribui para o processo formativo de das/dos envolvidas/os.

Nesta investigação são compartilhadas algumas proposições didático-pedagógicas de danças de salão que desenvolvo nas aulas que ministro e que são parte do meu objeto de estudo no doutorado. Estas práticas educativas são elaboradas a partir do diálogo entre os diferentes espaços educativos onde atuo com autoras/es que propõe novos modos de se conceber as danças de salão. Na próxima seção serão discutidas algumas destas práticas.

3. Resultados e Discussão

Uma vez que a dança de salão tradicional contempla apenas um pequeno número de pessoas, surgem algumas iniciativas, que denominaremos dança de salão

¹¹ TRIP, David. *Pesquisa-ação: uma introdução metodológica*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

contemporânea, as quais propõem novas formas de comunicação e de expressão nas danças a dois, bem como sugerem novos caminhos para o ensino das danças de salão.

As pesquisadoras, Polezi e Vasconcelos¹², propõem a condução compartilhada, a qual permite que ambos componentes da dupla tenham a possibilidade de conduzir e de serem conduzidos. Nesta perspectiva, a condução não é atribuída a uma única pessoa, mas ambos podem experimentar as sensações de propor e de responder.

Apesar de já ter assimilado alguns fundamentos da condução compartilhada, como o aprimoramento da habilidade de escuta do par, quando estou conduzindo e de buscar espaços para interferir na dança da/o minha/meu parceira/o, quando estou sendo conduzido, ainda percebo resistência de algumas/alguns alunas/os, que acreditam que apenas os homens podem conduzir. Todavia, me esforço para romper com essa lógica patriarcal, pelo menos no âmbito da minha sala de aula, através da adoção de estratégias de ensino que provoquem a reflexão das questões de gênero e diversidade na dança.

As duplas de alunas/os, independente do gênero que performam, são convidadas a experimentar diferentes possibilidades de comunicação na dança. Desta forma, são criadas estratégias de ensino que as/os instiguem a conduzir e a se permitirem ser conduzidas/os. Quando o trabalho é realizado com casais heterossexuais, é proposto em alguns momentos a inversão de papéis na dança, assim como que compartilhem a sensação de estar no outro papel, no qual são questionadas/os sobre as facilidades e as dificuldades da nova função que estão desempenhando.

Este exercício de se colocar no lugar do outro é importante, pois as/os alunas/os experimentam corporalmente como é desempenhar um papel que não estão acostumadas/os. Aproveito essa oportunidade para desconstruir discursos, como: “quando o homem sabe conduzir, até a mulher que não sabe dançar, dança!”. Essa afirmação além de sugerir que apenas os homens podem conduzir, ainda traz a ideia de que a mulher é levada, o que prejudica a aprendizagem da dança, uma vez que a/o conduzida/o também tem um papel ativo na interação com o par.

¹² POLEZI, A2ina; VASCONCELOS, Paola. “Contracondutas no ensino e prática da Dança de Salão: a dança de salão queer e a condução compartilhada”. *Revista Presencia, Montevideo*, n.2, p. 67-83, 2017.

Além da condução compartilhada, tem-se a proposta de condução mútua, de Samways e Pazetto¹³, também chamada de dança de salão contemporânea, que traz mais liberdade expressiva para as danças as dois, uma vez que os papéis de condutora e conduzida/o se dissolvem em uma dança fluida, na qual nem as/os participantes têm clareza de quem está conduzindo. Ainda, nesta proposta, as/os dançarinas/os têm a possibilidade de mesclar movimentos de estilos diferentes, bem como, criar novas formas de se mover.

Com inspiração na proposta de condução mútua, foi elaborado um jogo que instiga as/os alunas/os a conduzir com diferentes partes do corpo. O jogo consiste no seguinte: a/o professora diz um número e um nome de uma parte do corpo. Logo, as/os alunas/os devem formar grupos com esse número de pessoas e se conectar pela parte do corpo citada utilizando balões. Em seguida, cada grupo tem a tarefa de criar formas de dançarem no ritmo da música, sem deixar os balões caírem. Por exemplo: se a/o professora fala: grupos de três pessoas conectadas pelo quadril, as/os alunas/os formarão trios e colocarão os balões entre os quadris e se movimentarão conforme o ritmo da música.

Esse exercício é interessante, pois as/os alunas/os não o percebem como dança, mas como um jogo, de forma que se sentem desafiadas/os a não deixar os balões caírem e, conseqüentemente, sem se preocupar com as funções que normalmente desempenham na dança: condutora ou conduzidas/o. Além disso, trabalham em equipe, desprendidas/os de papel de gênero e sem saber se estão conduzindo ou sendo conduzidos, que é uma das propostas da condução mútua.

Após o jogo, questiono as/os alunas/os sobre como fizeram para não deixar os balões caírem, elas/es costumam dizer que é pela pressão exercida pelo corpo nos balões. Logo, relaciono os depoimentos das/os alunas/os com a conexão entre a dupla na dança, característica que possibilita que o par se movimente de forma sincronizada. Ainda, dependendo do nível técnico da turma e do objetivo da aula, o jogo pode sofrer modificações ou ter outros desdobramentos.

Também tem-se a Trans-Dança de Salão, proposta por Vasconcelos¹⁴, que compreende a condução como um processo de compartilhamento, independente do

¹³ PAZETTO, Debora; SAMWAYS, Samuel. "Para além de damas e cavalheiros: Uma abordagem queer das normas de gênero na dança de salão". *Revista Educação, Artes e Inclusão*, 2018.

¹⁴ MAJEROWICZ, Ilana; VASCONCELOS, Paola. Cavalheirismo não é Gentileza: elucidações sexistas no pensar contemporâneo da dança de salão. In: *Congresso Brasileiro de Ciências da*

gênero, buscando acessar qualidades de movimentos das mulheres que normalmente não são desenvolvidas na dança de salão tradicional.

A partir da Trans-Dança, proponho um exercício em que solicito que as/os alunas/os, dispostas/os em duplas, dançam uma música com pausas e variações rítmicas. Em seguida, peço que as/os conduzidas/os - geralmente as mulheres - cessem o movimento da dupla e proponha algumas movimentações, que possa ser apenas delas/es, ou que interfiram na movimentação das/os condutoras.

Esse exercício instiga as/os conduzidas/os a ter um papel mais ativo na dança, interpretando a música e propondo movimentações. A grande contribuição é o fato de desacomodar as/os duas/dois componentes da dupla, pois da mesma forma que a/o conduzida/o é estimulada/o a propor, a/o condutora necessita estar atenta/o à proposta da/o sua/seu colega.

Apesar de não trabalhar, diretamente, com a Condução Mútua e nem com a Trans-Dança, me inspiro nessas pesquisas para criar estratégias pedagógicas que me permitam vislumbrar um ensino inclusivo de danças de salão. Contudo, tenho ciência que esse processo é longo, uma vez que as visões conservadoras na dança de salão são majoritárias.

Em alguns contextos educacionais, talvez não seja possível desenvolver as propostas acima descritas, mas elas podem inspirar a criação de novas estratégias pedagógicas, que permitam vislumbrar um ensino inclusivo de danças de salão. Por isso é fundamental conhecer o contexto discente antes do planejamento docente. Nesse sentido, recorro a Hooks¹⁵ que diz o seguinte:

Para lecionar em comunidades diversas, precisamos mudar não só os paradigmas, mas também o modo como pensamos, escrevemos e falamos. A voz engajada não pode ser fixa e absoluta. Deve estar sempre mudando, sempre em diálogo com um mundo fora dela¹⁶.

O excerto da pesquisadora, corrobora com o argumento de que a/o professora necessita adequar-se ao ambiente que está lecionando. Se o ensino das danças de salão for na escola, terá uma abordagem, se for em um curso de graduação em dança, terá outra ou se for em espaços não formais, será de um modo completamente

Comunicação, 41. 2018, Joinville. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

¹⁵ HOOKS, Bell. *Ensinando a Transgredir: a educação como prática de liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed, São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

¹⁶ *Ibidem*.

diferente. Cabe a/ao professora ter uma intencionalidade pedagógica bem delineada, ter clareza dos objetivos que deseja alcançar em cada ambiente, pois assim, poderá encontrar estratégias de ensino que conduzam suas/seus alunas/os a ampliarem a visão sobre as danças de salão.

4. Considerações Finais

Este estudo discutiu algumas propostas didático-pedagógicas de dança de salão que integram minhas aulas, como estratégia para desconstruir discursos e práticas heteronormativas, que historicamente caracterizam esta manifestação cultural. A seguir, serão destacadas algumas considerações que resultaram desta investigação, bem como novas questões que surgiram a partir dela.

Além de se configurar como um potente exercício auto reflexivo, que oportunizou a identificação de limites e potencialidades das proposições didático-pedagógicas, este estudo possibilitou vislumbrar a criação de novas pedagogias não binárias de dança de salão, as quais podem contribuir para um ensino inclusivo desta manifestação cultural para pessoas com diferentes identidades de gênero e orientação sexual.

Convém destacar que as atividades problematizadas neste trabalho não se configuram como um modelo a ser reproduzido. Pelo contrário, tem o intuito de fomentar o debate em torno da necessidade de se repensar práticas de ensino tradicionais de danças de salão, assim como inspirar que novas propostas de ensino inclusivas sejam criadas em diferentes contextos educacionais, contemplando a diversidade presente na nossa sociedade.

Por outro lado, as atividades discutidas neste artigo têm como inspiração aulas, cursos e eventos de formação de professores de dança de salão que participo, assim como as dificuldades que observo no processo de aprendizagem das/os minhas/meus alunas/os. Logo, uma aula nunca será igual a outra, pois as/os alunas/os e as/os professoras/es mudam, assim como os objetivos da aula também se modificam.

Cada aula é elaborada com base em um perfil discente e vai se aperfeiçoando no decorrer da proposta. O planejamento, além de possibilitar a organização das aulas, permite a/ao professora prever possíveis dificuldades que as/os alunas/os possam ter.

Ainda, ele é sempre dinâmico, podendo ser modificado ou até mesmo refutado, caso seja necessário.

Nas aulas de dança de salão, o maior desafio é a desconstrução dos estereótipos de gênero, a qual inicia pela substituição dos termos cavalheiro e dama, por condutora e conduzida ou condutor e conduzido, o que é uma atitude comum, entre as/os professoras/es que ensinam dança de salão sob uma perspectiva contemporânea. Entretanto, não faço nenhum tipo de correção quando as/os alunas/os optam pela utilização das nomenclaturas tradicionais, apenas explico o motivo pelo qual adoto a nova terminologia, quando sou questionado por elas/eles. É importante destacar também, que apesar de não sentir necessidade de utilizar uma linguagem não binária nas aulas atualmente, a considero como uma possibilidade futuramente.

Outra questão a ser considerada é que a técnica de dança de salão não é apenas um treinamento de habilidades corporais em um corpo genérico, mas sobretudo um processo de percepção de si, em um corpo impregnado de marcadores sociais, que interfere, diretamente, no modo como cada indivíduo se expressa através da dança. Desta forma, nem todos os homens se movimentam iguais, assim como nem todas as mulheres se sentem confortáveis em realizar adornos, com intuito de enfeitar a dança. Por esse motivo, é fundamental que as/os alunas/os sejam incentivadas/os a se movimentarem confortavelmente, sem ficarem limitadas/os aos padrões heteronormativos. Apesar de tentar demonstrar diferentes possibilidades de execução dos passos, transitando entre masculinidades e feminilidades possíveis para a minha corporeidade, incentivo as/os alunas/os a buscarem outras referências que contribuam para o seu desenvolvimento na dança.

Apesar das danças de salão ter um repertório de movimentos e formas de se mover, socialmente conhecidas entre seus praticantes, que remontam ao seu contexto sócio-histórico, é fundamental que as/os alunas/os tenham liberdade para dançarem e exporem a sua corporeidade, performando masculinidades e feminilidades que as/os constituem, independente do seu sexo biológico, de forma que possam conduzir, permitirem-se ser conduzidas/os ou compartilhar a condução.

Compreender a dança de salão a partir de uma visão contemporânea não impede que as pessoas que gostam de conduzir, sigam conduzindo, nem que as que preferem ser conduzidas, continuem desempenhando esse papel. Todavia, significa que essa escolha não seja pré-determinada pela genitália, mas que as pessoas possam assumir um dos papéis ou alternar entre eles, se assim desejarem.

Nesse sentido, é proposto em alguns momentos as/aos alunas/os alternar entre as funções de condutora e conduzida/o, buscando desenvolver entre a dupla a possibilidade de compartilhamento da condução. A subversão da lógica heteronormativa da condução na dança de salão tradicional, contribui não apenas para que as/os praticantes possam se expressar livremente, mas também para inclusão de pessoas não binárias e não-heterossexuais nos bailes e escolas de dança de salão.

Com esse trabalho, buscou-se não apenas denunciar propostas heteronormativas e patriarcais de dança de salão, mas sobretudo, compartilhar possíveis estratégias de ensino que viabilizem que alunas/os não-heterossexuais e/ou com diferentes expressões de gênero também sejam consideradas/os nas propostas pedagógicas desta manifestação cultural. Por fim, esperamos que este trabalho contribua para o fomento de novas práticas de ensino inclusivas de danças de salão para as questões de gênero e diversidade.

Referências Bibliográficas

BUTLER, J. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir**: a educação como prática de liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed, São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

MAJEROWICZ, Ilana; VASCONCELOS, Paola. Cavalheirismo não é Gentileza: elucidações sexistas no pensar contemporâneo da dança de salão. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 41. 2018, Joinville. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

PAZETTO, Debora; SAMWAYS, Samuel. “Para além de damas e cavalheiros: Uma abordagem queer das normas de gênero na dança de salão”. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, 2018.

POLEZI, A2ina; VASCONCELOS, Paola. “Contracondutas no ensino e prática da Dança de Salão: a dança de salão queer e a condução compartilhada”. **Revista Presencia, Montevideo**, n.2, p. 67-83, 2017.

SÃO JOSÉ, Ana Maria. **Samba de Gafieira**: corpos em contato na cena social Carioca. 2005. 183 f.. Dissertação (Mestrado em Artes cênicas) - Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. São José, 2005.

TRIP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S151797022005000300009&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso 12 de abr. 2021.